


Funções textual- discursivas das 'orações adverbiais' sem matriz

Ana Lima (Universidade Federal de
Pernambuco)

Resumo

 Este trabalho analisa as funções textual-discursivas das orações tradicionalmente chamadas 'subordinadas adverbiais', focando aqueles casos em que elas ocorrem de maneira independente, ou seja, sem vínculo explícito com uma 'principal', ou *matriz*. Os dados analisados foram coletados de textos orais (do acervo do NURC e de gravações de conversas espontâneas) e de textos escritos (anúncios publicitários).

Palavras-chave: Articulação de orações; Subordinação adverbial; Ausência de matriz.

Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisa sobre o fenômeno que a gramática tradicional tem chamado de *subordinação adverbial*¹, o qual, por sua vez, está inserido no contexto mais amplo

dos estudos sobre a articulação de orações, tema que já há algumas décadas vem despertando o interesse de pesquisadores de diferentes correntes teóricas da Linguística.

Em geral, os trabalhos publicados sobre esse tema têm em comum a percepção de que o arcabouço teórico tradicional não é suficiente para explicar os fenômenos do discurso nas situações reais de funcionamento da língua. Assim, de modo geral, pode-se dizer que a crítica aos estudos tradicionais dirige-se, prioritariamente, ao fato de estes se limitarem a examinar a articulação de orações sem relacioná-la com o contexto situacional em que os enunciados são produzidos, o que prejudica a compreensão de seu funcionamento e de sua contribuição na organização do discurso.

A partir de uma perspectiva funcional-discursiva, este trabalho objetiva analisar o funcionamento das ‘orações subordinadas adverbiais’, particularmente em ocorrências nas quais elas estão codificadas de maneira independente, ou seja, sem conexão com uma ‘principal’, aqui referida como oração *matriz*.

As ocorrências analisadas neste estudo foram coletadas de textos orais e escritos: os primeiros estão aqui representados por inquéritos do Projeto NURC (dos tipos DID - entrevistas - e D2 - diálogos entre dois informantes) e por registros avulsos de conversas informais; os segundos, por anúncios publicitários escritos, veiculados na cidade do Recife, durante os anos 2003 e 2004.

1 As ‘orações adverbiais’ sem matriz

De acordo com a gramática tradicional (GT), uma oração é classificada como ‘subordinada adverbial’ quando, à maneira de um advérbio, articula-se a outra, para operar nesta uma modificação, por meio da inserção de uma circunstância, que pode ser de causa, modo, tempo, condição, etc.

Analisa-se, então, essa construção binária, como constituída por uma oração hierarquicamente mais alta e, por isso, chamada ‘principal’, e uma ‘subordinada adverbial’, considerada ‘dependente’, ou hierarquicamente mais baixa. Essa diferença de estatuto sintático tem levado as pessoas, freqüentemente, à interpretação equivocada da ‘subordinada’ como “de sentido secundário”.

Dada a evidente redução operada pela GT, ao tratar como um fenômeno homogêneo aquilo que considera ‘subordinação’, uma razoável quantidade de autores distingue, dentre as articulações abrangidas sob esse rótulo, uma diversidade de relações. A maioria dos estudos de base funcionalista (HALLIDAY, 1985; HOPPER E TRAUGOTT, 1993; MATTHIESSEN E THOMPSON, 1988; NEVES, 1998; DECAT, 1993, 1999a, 1999b, dentre outros) distingue entre relações de subordinação, em que uma oração é *encaixada* em outra, e relações hipotáticas, em que, sem operar um encaixamento, uma oração se articula a outra com a finalidade de realçá-la, pelo acréscimo de dados circunstanciais.

Percebendo diferenças nos modos como se articulam as orações, LEHMANN (1988) conclui que, ao invés de uma, há duas maneiras pelas quais uma ‘subordinada’ pode relacionar-se com a sua ‘principal’: ou por *associação* ou por *dependência*. Defende, então, a existência de um “contínuo

de rebaixamento”, que, segundo ele, vai desde uma relação de autonomia entre as orações, ou *parataxe*, em que as relações hierárquicas estão ausentes, até aquela relação na qual se pode perceber uma clara hierarquia entre as duas orações, a ponto de a ‘subordinada’ ser rebaixada a um constituinte particular da ‘principal’, configurando o *encaixamento* (“*embedding*”). Nos pontos médios desse contínuo estariam várias construções nas quais a ‘subordinada’ vai sendo gradativamente rebaixada.

Aplicando esse “contínuo de rebaixamento” postulado por LEHMANN (*op.cit.*) à subordinação do tipo adverbial apenas, podemos perceber que, também aqui, não se trata de um fenômeno homogêneo, no que se refere à integração sintática entre as orações ditas ‘principal’ e ‘subordinada’, havendo, de fato, diferentes graus de integração sintática entre esse par.

A configuração prototípica dos enunciados que contêm ‘orações subordinadas adverbiais’ é a de uma oração matriz acompanhada de outra (a ‘subordinada’), que pode anteceder a matriz ou pospor-se a ela. Essa configuração prototípica pode ser representada das seguintes maneiras²:

<p>ORAÇÃO MATRIZ</p> <p>Eu não jogaria em mercado de capitais</p>	<p>ORA«VO SUBORDINADA</p> <p>se eu ganhasse na loteria.</p>
<p>ou</p>	
<p>ORAÇÃO SUBORDINADA</p> <p>Se eu ganhasse na loteria</p>	<p>ORAÇÃO MATRIZ</p> <p>eu não jogaria em mercado de capitais.</p>

No entanto, diversos autores (DECAT, 1993, 1999a, 1999b; NEVES, 2001; LIMA, 2002;) verificaram que, além das ocorrências mais comuns da ‘subordinação adverbial’ em um único contorno entonacional, que representa maior grau de integração sintática entre a matriz e a ‘subordinada’, como em (1),

- (01) agora... é engraçado que você saindo do Brasil... a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras↓ ...eu falo muito em verduras **porque justamente é a base da minha alimentação entende?**... (DID 328/RJ)³

a ‘subordinação adverbial’ pode ocorrer em contornos entonacionais separados, sendo esse tipo de codificação uma marca de integração sintática mais ‘frouxa’, como exemplificado em (02):

- (02) bom gente eu acho que: pra: começar eu teria que falar mais sobre: a parte assim de alimentação que diz respeito à minha pessoa né?... realmente eu tenho mui:to cuidado com esse problema de alimentação↓ **porque eu tenho uma facilidade ENORme pra engordar sabe?** ((risos)) (DID 328/RJ)

LIMA (2002) registrou, ainda, ocorrências em que, além de estarem em

contornos entonacionais separados, as orações matriz e adverbial foram produzidas por diferentes locutores, que construíam o texto cooperativamente, como em (03) e (04):

- (03) L1 - não não é isso nã/ ah aí a questão não é de acreditar ou de não acreditar↓... o fato é que o demônio tá na moda...
L2 - **apesar... de QUase ninguém acreditar nele**↓... (D2 005/REC)
- (04) L2 - eu já vi até que ela anda dando esse golpe aí sabe?...
L1 - **pra ficar com o dinheiro**↓... (D2 355/RJ)

Com base na noção de “idea unit” apresentada por CHAFE (1980), DECAT (1999a) defende que a ocorrência de ‘orações adverbiais’ em contornos entonacionais separados – fenômeno ao qual ela chama de “desgarramento” – somente é possível nas orações não-encaixadas, e ocorrem exatamente porque estas constituem uma “unidade de informação” à parte.

Contrariamente ao que se poderia supor, entretanto, uma “oração adverbial desgarrada” não representa o grau máximo de independência estrutural na relação entre uma oração matriz e uma adverbial. Apesar de a GT não cogitar a possibilidade de uma ‘oração subordinada’ ocorrer e funcionar no discurso sem a correspondente oração matriz, são mais freqüentes do que se supõe ocorrências de adverbiais isoladas, constituindo, sozinhas, enunciados completos. E mais: ocorrências desse tipo não se restringem a enunciados presentes em textos orais apenas, como se fossem característicos da fala. Também em textos escritos a oração adverbial desatrelada de uma matriz representa uma possibilidade de configuração que modifica seu estatuto de ‘subordinada’, tendo, por isso mesmo, grande relevância interacional.

Os dados analisados comprovam que a subordinação adverbial sem matriz pode ocorrer para codificar relações adverbiais de diversos tipos, como mostram os seguintes exemplos, de textos orais e escritos:

- RELAÇÕES CONDICIONAIS

- (05) não existe cobra-de-duas-cabeças↓... o que há... são certos vermes... ginofiontes... minhocões... que... parecem ter duas cabeças↓... mas é IMpossível a gente/ ah: **se a gente souber usar essa palavra impossível** raramente né? impoSSível uma cobra... eu já disse que é um ofídio importantíssimo ter duas cabeças↓... (DID 216/RE)
- (06) bom na escola pa/... particular essa escola maternal é tanto material que pede que **se eu fosse enumerar pra você** que é uma série de material não é? (DID 231/SSA)
- (07) Ace todo branco fosse assim! (anúncio de sabão em pó)

- RELAÇÕES CAUSAIS

- (08) L1 - não (es)tamos falando de viagem né?...
Doc. - de viagem
L1 - (es)tamos falando de viagem e de (transporte↓▲ ...
L2 - () aí a conversa
veio pra estrada e transporte↓...
L1 - e aí como eu sou estradeiro aí... eh... como dizem os
outros sou garimpeiro né? que fica ali fazendo estrada↓... (D2
98/SSA)

- (09) *Outdoor* veiculado em dezembro/2003 e janeiro/2004

[LOGOMARCA DE UM COLÉGIO CONHECIDO NA CIDADE]

PORQUE VOCÊ MERECE

- RELAÇÕES FINAIS

- (10) L2 - (...) AGOrA que saíram umas lanchas... agora não↓... tem uns
dois anos que aquelas eu considero a/ as ideais aquelas sim↓...
aquelas são a jato↓... um jato d'água o motor Chevrolet... e o
jato d'água não tem le:me não tem nada disso elas são dirigidas
por jatos d'água e andam (com) esses jatos d'água também↓
então ela chega ali em Mar Grande... ela anda na areia... da
praia↓... ela anda... na beira da praia com um palmo d'água ela
anda a toda velocidade como se estivesse andando em mar
aberto↓... essas... são as lanchas ideais (lá pra Mar Grande) ↓...
mas custam um preço abSURdo↓... quer dizer **hoje uma pessoa
pra comprar uma lancha dessa pelo menos pra dar à
lancha... o que a lancha merece.../** porque é mais fácil
você comprar uma lancha↓... porque hoje em dia com os
financiamentos que tem... é mais fácil você comprar qualquer
coisa↓... (agora sustentar...
L1 - (o problema é pagar↓...
L2 - nã::o... é pra pagar não é o pior R. se tiver a lancha... você
() vai arranja paga↓... mas manter... uma lancha... é que são
elas↓... (D2 98/SSA)

- (11) Anúncio publicado em jornal local (agosto/2004)

CLÍNICA DE REJUVENESCIMENTO XXX

PRA NINGUÉM IMAGINAR QUE VOCÊ JÁ PASSOU DOS 30.

Cumpre-nos averiguar o funcionamento textual de orações assim configuradas, bem como o papel que desempenham na interação.

2 Funções textual-discursivas das orações adverbiais sem matriz

Segundo CHAFE (1984), algumas construções adverbiais funcionam para criar um espaço mental, ou uma “moldura de referência”, na qual se insere um determinado conteúdo. Obviamente, a interpretação das construções adverbiais como molduras de referência só é possível quando as construções adverbiais são antepostas à oração matriz. Assim, em (12),

- (12) bom... eu **quando: tinha uns dezoito quinze a dezoito anos** eu estudei balê[↓]... e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena com o o:: balê russo[↓]... (DID 234/SP)

a ‘subordinada adverbial’ pode ser analisada como uma moldura temporal, dentro da qual o conteúdo *eu estudei balê* deve ser interpretado. No entanto, ocorrências como (05), (06), (07), (08) e (10), acima, comprovam que é possível não preencher as molduras que foram abertas, ficando a oração adverbial formalmente desarticulada de uma oração matriz.

Antunes (2003, p.147) afirma que, na interação verbal,

o sujeito *seleciona o que dizer*, inclusive quantitativamente, *para dizer apenas* o que é relevante num determinado contexto; e o que é relevante é exatamente *aquilo que não pode deixar de ser dito*, pois se o for, faz falta. A decisão de escolher entre o que expressar e o que deixar implícito cabe, pois, ao sujeito produtor do discurso, de acordo com o gênero do texto e com outras condições de cada situação de interação.

Se “o que é relevante é aquilo que não pode deixar de ser dito”, as ocorrências de subordinação adverbial sem matriz ratificam que o rótulo “principal” não pode designar ‘relevância informativa’. Nesses casos, ao contrário do que indica o termo ‘principal’, o que é principal é o conteúdo expresso na ‘subordinada’.

Podemos, além disso, observar que a subordinação adverbial sem matriz é uma estratégia discursiva bastante interessante, cujo efeito é o de criar um espaço mental que somente pode ser preenchido, pelo interlocutor, por inferenciação. Como a geração de inferências apóia-se fortemente no contexto e decorre, em grande parte, de conhecimento social partilhado (KOCH, 1993), concluímos que o locutor necessita proceder a criteriosa avaliação das condições da interação, para decidir se elas favorecem o não-preenchimento de uma moldura de referência anteriormente aberta.

Por parte do interlocutor, ele terá que ‘administrar’ esse ‘espaço vazio’, a fim de recuperar tanto o sentido pretendido pelo locutor quanto suas intenções comunicativas. Isso vai exigir dele maior trabalho cognitivo, além de mais envolvimento na situação interativa.

Observemos o funcionamento dessa estratégia em molduras temporais não-preenchidas, como em (13), abaixo:

- (13) L1 - você já arrumou seu quarto?
L2 - que nada... só vou arrumar depois...
L1 - depois de quê?... **quando sua mãe chegar heim?...**

Nessa ocorrência, L1 opta por não preencher o lugar da oração matriz, porque tem a certeza de que L2 é capaz de interpretar a adverbial sem matriz como suficiente para funcionar como uma ameaça. L2, por sua vez, só pode recuperar a ameaça do enunciado de L1 porque recorre a um conhecimento partilhado por ambos os interlocutores, ou seja, ambos sabem o que pode acontecer com L2 se sua mãe, ao chegar, encontrar o quarto do filho desarrumado.

Em síntese, de acordo com a perspectiva que adotamos neste trabalho, o recurso de deixar uma moldura aberta é interpretado como estratégia do locutor para estimular seu interlocutor a participar mais ativamente da conversa, criando um envolvimento maior. Além disso, observa-se que molduras não-preenchidas só podem ocorrer em contextos nos quais o interlocutor é capaz de recuperar pistas de interpretação, e são essas pistas que tornam o discurso coerente.

Assim, uma moldura aberta não cria simplesmente um espaço mental que fica vazio, mas, pelo contrário, esse espaço mental pode ser agora preenchido com muito mais liberdade pelo interlocutor, justamente porque o locutor, deixando a moldura aberta, não restringiu o espaço mental para seu preenchimento.

Em textos publicitários escritos, exemplificados pelas ocorrências (09) e (11), é muito freqüente que o espaço da oração matriz seja preenchido por elementos não-verbais, normalmente pela logomarca do produto anunciado. Esse é um poderoso recurso discursivo que, ao alterar o estatuto da oração adverbial, confere-lhe grande relevância informativa.

As possibilidades de preenchimento do 'vazio' deixado pela ausência da oração matriz, sendo diversas, vão exigir do interlocutor uma seleção, que é parte de sua competência comunicativa, e será efetuada, como nos textos orais, com base em elementos contextuais e em conhecimentos socialmente compartilhados.

Assim, para interpretar adequadamente uma ocorrência como a (09), em que temos [logomarca + adverbial sem matriz], o interlocutor se vale de informações diversas, dentre as quais se destacam:

- a) ele saber que se trata de uma instituição de ensino;
- b) ele saber que 'estudar' é uma atividade socialmente valorizada;
- c) ele ter conhecimento de que o colégio 'tal' é famoso e respeitado na cidade (devido a variados fatores);
- d) ele relacionar o texto lido ao período em que, no nosso país, acontecem as matrículas nas escolas;
- e) ele perceber que o texto é um anúncio publicitário e, como tal, objetiva 'vender' um produto.

De posse dessa 'bagagem', é possível prever que o interlocutor preencherá o 'vazio' ocupado pela logomarca, na ocorrência (09), com orações matrizes do tipo:

1. [Venha estudar no colégio 'tal']
 2. [Matricule-se no colégio 'tal']
 3. [Estude no colégio 'tal']
- PORQUE VOCÊ MERECE.

Da mesma maneira, a ausência de oração matriz em (11) requer do interlocutor outra 'bagagem' de conhecimentos, que lhe permitirá preencher o vazio do texto com orações matrizes apropriadas para aquele contexto.

Sabendo que os anúncios publicitários são textos de função predominantemente conativa, podemos dizer que, nesse gênero, o uso da adverbial sem matriz configura-se como uma das estratégias de persuasão, uma vez que, ao exigir do interlocutor uma atitude ativa e colaborativa diante do texto que lê, obriga-o a posicionar-se, de certa maneira, como um co-autor daquele texto.

Conclusões

Seguindo a visão funcionalista que orienta este trabalho, acreditamos que a seleção das expressões lingüísticas e das estratégias discursivas, por parte do locutor, não é ocasional, mas, pelo contrário, é motivada por fatores diversos. Na atividade de composição textual, então, o trabalho do locutor não é o de escolher aleatoriamente determinadas formas, mas antes o de selecionar as formas com vistas ao cumprimento de determinada(s) função(ões), de determinado(s) efeito(s) de sentido que almeja alcançar.

No que se refere à articulação de orações no discurso, pode-se dizer que os diferentes modos pelos quais o falante combina as orações não são governados pelo sistema da língua - aquele 'núcleo rígido' que impõe restrições semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas -, mas situam-se no campo das escolhas, fazendo parte da 'competência comunicativa' do falante.

Assim, a ocorrência de construções adverbiais desatreladas de uma oração matriz, quer em textos orais quer em textos escritos, configura-se como um recurso discursivo a partir do qual o locutor 'obriga' seu interlocutor a envolver-se mais na situação interativa, co-operando para a produção dos sentidos.

Ademais, a possibilidade de uma oração adverbial ocorrer sem vínculo explícito com uma principal e, ainda assim, funcionar como um enunciado de 'sentido completo', vem confirmar a idéia de que a 'bagagem semântica' resultante do inter-relacionamento entre uma matriz e uma adverbial, tradicionalmente dada como preexistente à interação, não existe *a priori*, mas é gerada na situação interativa (e a partir dela), quando locutor e interlocutor constroem conjuntamente o texto.

Abstract

This work analyzes the textual-discursive role of the clauses traditionally called 'adverbial subordinate', focusing on cases in which they occur independently, that is, with no explicit link to a 'main clause'. The analyzed data were collected from oral texts (from the NURC Project) and written ones (advertisements).

Keywords: Clause combining; Adverbial subordination; Absence of 'main clause'.

Notas

- ¹ Em trabalho anterior (Lima, 2002), distingi a subordinação e a hipotaxe adverbial, em consonância com diversos autores, dentre os quais Halliday (1985), Hopper e Traugott (1993), Matthiessen e Thompson (1988). Entretanto, para os objetivos deste trabalho, essa distinção não é relevante.
- ² O enunciado que serve de exemplo foi retirado do inquérito D2 355/RJ. O trecho completo é "e: eu acho que... o dinheiro todo que eu pudesse... se eu ganhasse assim... na loteria e tal eu não jogaria em mercado de capita:is nada disso eu sempre ficaria em imóveis..."
- ³ O sinal ˘, que não se encontra dentre os sinais de transcrição utilizados pelo Projeto NURC, indica entonação descendente, ou pausa de final de frase.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. A explicitude dos discursos: os vazios naturais do texto e sua coerência. *Portal do São Francisco. Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco*, ano II, n.2, p. 145-155, dezembro de 2003.
- CHAFE, W. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In.:CHAFE, W. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- _____. How people use adverbial clauses. *The Proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley Linguistics Society, p. 437-449, 1984.
- DECAT, Maria Beatriz N. Leite com manga, morre!: Da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. Tese (Doutorado), PUC, São Paulo, 1993.
- _____. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". *Scripta (Linguística e Filologia)*, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 23-38, 2º semestre, 1999a.
- _____. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. In: CAMPOS, Odette Altmann de Souza (Org.). *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Série Encontros. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, Campus de Araraquara, ano XVI, n.1, p. 299-318, 1999b.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1993.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. *D.E.L.T.A.*, vol.9, n. Especial, p. 399-416, 1993.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In.: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.
- LIMA, Ana. Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal. 2002. 190f.

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In.: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*, São José do Rio Preto, v. XXVII, p. 46-57, 1998.

_____. O tratamento da articulação de orações. In.: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p. 55-66.